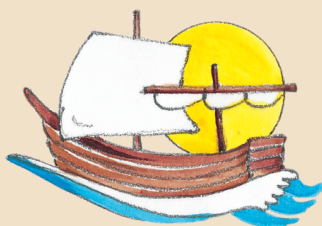


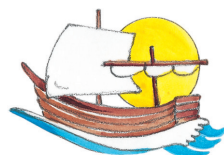
Simbá, o marujo



reconto de Edson Rocha Braga
ilustrações de Mariângela Haddad



editora scipione



Gerência editorial
Sâmia Rios
Edição
Samira Youssef Campedelli
Preparação
José Paulo Brait
Revisão
Fernanda Bottallo,
Daniela Bessa Puccini e
Nair Hitomi Kayo
Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello
Programação visual de capa
Aida Cassiano



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.atiscapione.com.br
e-mail: atendimento@aticapione.com.br

2018
ISBN 978-85-262-7991-9 – AL
CL: 737513
CAE: 251565

2.^a EDIÇÃO
8.^a impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Braga, Edson Rocha

Simbá, o marujo / conto de Edson Rocha
Braga. – São Paulo: Scipione, 1998. (Série Reencontro infantil)

1. Literatura infantojuvenil I.Título. II. Série.

98-240

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Sumário



A ilha viva	5
Os cavalos do mar	8
O pássaro roca	15
O vale dos diamantes	19
A gruta das pedras preciosas	23
Simbá embaixador	33
O cemitério dos elefantes	39
Quem criou Simbá?	47
Quem é Edson Rocha Braga?	47





A ilha viva

Há mais de mil anos, havia na Pérsia um rapaz chamado Simbá. Era filho único de um rico comerciante de Bagdá, a mais importante cidade daquele reino e de todo o Oriente Médio.

Quando o pai de Simbá morreu, este herdou uma enorme fortuna. Passou a viver uma vida desregrada, gastando seu dinheiro em banquetes e festas. Quando se deu conta, viu que pouco lhe restava.

Decidiu então que era tempo de pensar no futuro. Lembrou-se de um ensinamento do sábio rei Salomão, que dizia: “Mais vale estar no túmulo do que na pobreza”. E resolveu começar uma vida nova.

Simbá procurou alguns mercadores que negociavam por mar, que o aconselharam a arriscar a sorte nessa profissão. Vendeu em leilão tudo o que lhe restara, conseguindo assim três mil moedas de prata. Comprou tudo em mercadorias e seguiu numa caravana para o porto de Basra, no golfo Pérsico. Ali, embarcou num navio que ia para os mares do Oriente.

Em seus primeiros meses, a viagem mostrou-se bastante proveitosa. Em cada porto que paravam, os mercadores do navio vendiam ou trocavam suas mercadorias.

Um dia, o navio aproximou-se de uma ilha baixa, coberta de grama. Parecia um pedaço do paraíso. Os marujos arriaram as velas e lançaram a âncora. Num barquinho, Simbá e outros mercadores foram até lá.

Alguns deitaram-se na grama para descansar. Um grupo acendeu uma fogueira e botou água a ferver num caldeirão para lavar as roupas. Os outros saíram andando pela praia, para explorar a costa da ilha. Simbá estava entre estes.

De repente, o solo passou a se mexer e a tremer. O capitão gritou:

– Voltem para o navio! Isso não é uma ilha, é um peixe gigantesco! Está parado



aí há tanto tempo que nasceu grama nas costas dele. Agora, despertou com o fogo que fizeram para esquentar a água. Levantem a âncora e abram as velas, depressa!

Foi uma correria geral. Os mais espertos conseguiram entrar no barquinho e remar até o navio. Os outros seguiram a nado. Enquanto isso, o mar se agitava e o peixe gigante começou a afundar, até desaparecer completamente.

Simbá estava na praia do outro lado quando o mar encobriu tudo. Por sorte, viu flutuando perto dele uma tina de madeira que os homens tinham levado para lavar as roupas. Segurou-se na tina e começou a bater os pés com todas as forças que tinha.

– Esperem! Não me abandonem! – gritava.

De nada adiantou. O navio afastava-se cada vez mais. A noite não tardou a cair, e o navio sumiu na escuridão.

